



07

tríade
comunicação, cultura e mídia

artigos

Padrões discursivos na narrativa jornalística do The New York Times sobre refugiados: uma abordagem baseada em corpus

Guilherme Profeta

Universidade de Sorocaba (Uniso), Programa de Pós-Graduação em Educação, Sorocaba, SP, Brasil. Contato com o autor: guilherme.profeta@prof.uniso.br

* Produzido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Processo nº 2015/00073-3 —, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

Resumo: Este estudo tem como objetivo identificar particularidades do padrão discursivo sobre os refugiados como personagens jornalísticos da cobertura do jornal The New York Times, egum face à crise de refugiados do Oriente Médio na Europa. Utilizando como metodologia os métodos da linguística de corpus, este estudo dá sequência a uma pesquisa prévia publicada por Baker (2006), de natureza similar, que analisou a cobertura de jornais britânicos em 2003. Quinze anos depois, considerando-se uma nova crise de refugiados que suscita ações e reações em escala global, esse ainda é um tema bastante atual, infelizmente.

Palavras-chave: Linguística de corpus. Análise do discurso. Narrativa jornalística. Refugiados.

Abstract: This study intends to identify particularities in the discursive patterns about refugees as journalistic characters within the coverage of The New York Times, in view of the Middle-Eastern refugees' crisis in Europe. Using corpus linguistics as its main methodological approach, this study continues a previous research published by Baker (2006), of similar nature, which analyzed the coverage of British newspapers about refugees back in 2003. Fifteen years later, considering a whole new refugee crisis which provokes worldwide actions and reactions, this is still a fairly current issue, unfortunately.

Keywords: Corpus linguistics. Discourse analysis. Journalistic narrative. Refugees.

1. Introdução

Três de setembro de 2015. Inúmeros jornais em todo o mundo postavam em suas edições matinais a simbólica foto do garotinho sírio Aylan Kurdi, de apenas três anos, cujo corpo, já sem vida, havia sido encontrado no dia anterior, numa praia turca, depois que o barco em que ele e a família estavam afundou numa tentativa desesperada de emigrar e escapar dos confrontos em seu país.

Aylan não foi a única vítima do conflito na Síria, tampouco a última. A mesma guerra civil que o vitimou já ceifou a vida de mais de meio milhão de pessoas — número que, infelizmente, continua crescendo. Mas sua foto se transformou instantaneamente num símbolo. O corpinho diminuto, vestido numa camiseta vermelha e em shorts azuis, estava de barriga para baixo, com o rosto voltado para a areia. Pequeno. Desamparado. Morto. Ao seu lado, um policial tomando notas — tudo o que lhe restava fazer, uma vez que, obviamente, já era tarde demais.

Quatro de setembro de 2015. O *Le Monde*, reconhecidamente um dos jornais mais prestigiados da França, postava mais uma vez a foto de Aylan. Poucas páginas depois, um anúncio da grife italiana Gucci mostrava uma modelo deitada numa praia, numa posição inegavelmente semelhante à do pequeno garoto sírio, repousando a cabeça sobre uma bolsa da marca. Numa página, a tragédia de seres humanos sem pátria, rechaçados por nações estrangeiras e cujos direitos mais básicos lhes são tolhidos; na outra, o simbolismo do apego material a um item de vestuário que, para todo efeito, é supérfluo e acessível apenas a uma ínfima parcela bem afortunada da população.

Por que as duas fotos estão na mesma edição, e tão próximas uma à outra? Uma coincidência infeliz? Um caso extremamente questionável de *newsjacking* (quando uma equipe de marketing, através de algum ato deliberadamente planejado, gera cobertura espontânea da mídia jornalística)? Segundo nota de desculpas publicada no mesmo dia pelo jornal nas redes sociais, a direção afirmou que a “desafortunada coincidência” (*concomitance malheureuse*, como eles chamaram) não foi notada na urgência do fechamento da edição.

As duas fotos, contudo, quando colocadas lado a lado e em contexto, representam uma discrepância entre duas realidades coexistentes para a qual nós podemos fechar os olhos, mas não refutar: existem pessoas que podem se dar ao luxo de simplesmente aproveitar a vida, e existem pessoas que, literalmente, morrem na praia ao fugir dos terrores contemporâneos. Essas pessoas (ao contrário das primeiras) não têm voz. Sobre elas se fala, mas elas mesmas não o fazem. É sobre elas que se trata este artigo.

Os refugiados do Oriente Médio, principalmente vindos da Síria, são um problema contemporâneo com o qual o Ocidente tem de lidar. Dada a quantidade de pessoas em trânsito, que passa dos milhões, fechar as portas simplesmente deixou de ser uma opção — ainda que o fosse até pouco tempo atrás. Definir a situação como um problema a ser resolvido pode parecer um pouco cruel do ponto de vista humanitário, mas pensar em outra palavra pode ser difícil; em curto prazo, o imenso contingente humano é, de fato, um problema logístico (onde acomodar

tanta gente?), mas, em longo prazo, é também um problema de caráter intercultural: residentes e imigrantes vêm de culturas diferentes e tudo o que é diferente, invariavelmente, causa algum tipo de desconfiança e receio.

A mídia, naturalmente, aborda a questão de diferentes formas. Nos diversos conteúdos noticiosos, os refugiados se tornam personagens jornalísticos, aos quais os jornalistas ocidentais se referem de formas distintas. A análise dessas formas, no entanto, faz emergir alguns padrões. O objetivo deste estudo é identificar palavras que ocorrem próximas às palavras *migrante refugee* na cobertura do jornal *The New York Times* em relação à crise de refugiados do Oriente Médio (em grande parte, sírios) na Europa, procurando desvendar particularidades do padrão discursivo sobre os refugiados como personagens jornalísticos.

Este trabalho dá sequência a um estudo prévio publicado por Baker (2006), de mesma natureza, que analisou a cobertura de jornais britânicos em 2003. Quinze anos depois, em face à nova crise de refugiados, esse ainda é um tema bastante atual, infelizmente, que suscita ações e reações em escala global.

A crise de refugiados não é mais um problema localizado, exclusivo dos países europeus. Mais amplamente do que uma questão sociogeográfica sobre mobilidade humana, esta é uma questão pertinente à comunicação e à cultura, que envolve não apenas indivíduos e sociedades em conflito, mas um choque de identidades pertinente às sociedades em todo o mundo, excedendo as fronteiras físicas dos Estados.

2. Identidades em rota de colisão e (falta de) representatividade discursiva

Grupos humanos distintos, como diferentes civilizações, por exemplo, têm diferentes explicações para o mundo que os cerca. Essas explicações, desde os mitos cosmogônicos presentes nas diversas religiões até as lendas nacionalistas que embasam a organização dos Estados, são narrativas — e essas, como toda narrativa, são contadas a partir de um ponto de vista. Cada um desses grupos “se considera o centro do mundo e escreve sua História como a peça central da História da Humanidade” (HUNTINGTON, 1997, p. 63). Assim vem sendo desde que o homem começou a contar histórias e, durante muito tempo — aproximadamente até o fim do século XV —, esses pontos de vista diferentes raramente entravam em contato (ou conflito).

Os indivíduos costumavam percorrer distâncias consideravelmente menores ao longo de suas vidas em comparação a nós, homens contemporâneos. Suas ideias, eventualmente, percorriam distâncias maiores (podendo até mesmo dar a volta ao mundo, como os ensinamentos budistas anteriores ao século V, que estão presentes em diversas tradições estrangeiras¹), mas,

¹ “Com o advento do budismo, na Índia, no V ante-século, os sacerdotes da nova religião descobriram no conto um excelente meio de propaganda, um veículo de suas doutrinas — e, de fato, as lendas hindus ajudaram a estender a religião de Sidara Gautama a toda a China, de onde os contos, despindo-se de seu conteúdo religioso, através de traduções chinesas, persas, árabes, gregas, latinas, etc. espalharam-se quase pelo mundo inteiro e infiltraram-se na tradição de quase todos os povos” (HOLANDA; RÓNAI, 1945 apud TAHAN, 1964, p. 17).

mesmo assim, isso podia levar séculos. A globalização, gradativamente — e com um ápice por volta de 1910, segundo Huntington (1997) —, mudou esse panorama.

As Histórias dos grupos diversos, que se consideravam cada um o centro do mundo, entraram em choque. Enquanto o pensamento moderno trazia muito da ideia iluminista de progresso, do novo suplantando o velho, a pós-modernidade, em meados do século XX, abraçava possibilidades diversas de existência, um pensamento mais relativista em oposição à ideia de progresso linear. Explicações de fundo moral (ou normativo) sobre a existência, que dão sentido à história da humanidade — as metanarrativas —, não precisam mais ser “apenas uma”; elas podem coexistir. Isso teve e tem implicações profundas na identidade dos indivíduos.

Pois, nos tempos pós-modernos em que vivemos, em que cada indivíduo assume para si mesmo uma infinidade de máscaras sociais múltiplas, multiculturais e apátridas, responder à pergunta “quem sou eu?” pode ser extremamente difícil. Do ponto de vista cultural, por exemplo, um indivíduo pode se identificar em diversos grupos sobrepostos: uma identidade étnica, uma identidade religiosa, uma identidade política e por aí vai. No entanto, responder “quem eu não sou” é mais fácil, de modo que, estranhamente, a compreensão da própria identidade pode surgir justamente a partir do momento em que o indivíduo reconhece em si mesmo a oposição àqueles que são diferentes: um indivíduo só sabe quem ele é porque ele sabe quem ele não é. O estrangeiro, dessa forma, reside no próprio indivíduo (PROFETA, 2012, p. 342).

Essa é uma perspectiva que pode explicar, minimamente, diversos conflitos contemporâneos de caráter identitário: Ocidente *versus* Oriente, Cristianismo *versus* Islã, branco *versus* negro, homem *versus* mulher, heterossexual *versus* homossexual, direita *versus* esquerda... Escolher um lado diz não apenas contra quem você está, mas a qual grupo você pertence, de modo que a ideia do *outro* é um objeto importante, por oposição, na definição da identidade de um indivíduo. As identidades são o que Hardt-Mautner (1995 apud BAKER, 2006, p. 88) chama de um “conceito relacional”, uma vez que a construção do conceito de *self* depende da construção do conceito de *outro*.

Se as narrativas já eram tão importantes no passado, para transmitir ideias diversas de um ponto a outro do planeta assim como para construir identidades de grupos, não há motivo para pressupor que hoje em dia elas não o sejam. Ainda que exista certa premência por diminuir o peso das narrativas diante da possibilidade contemporânea de presenciar tudo o que acontece ao vivo (*online*) — o que diminuiria a necessidade de relatos *a posteriori* —, é preciso considerar que mesmo nos ambientes aparentemente mais “anárquicos”, como por exemplo as mídias sociais, a construção de sentidos ainda é um construto passível de edição. Em ambientes comunicacionais onde há um controle mais rígido (menos “anárquicos”), como as tradicionais redações de grandes jornais, esses processos de edição dos discursos narrativos são ainda mais inquestionáveis.

Diante da multiplicidade de discursos possíveis, os veículos de comunicação, naturalmente, tendem a reproduzir os discursos dos grupos socioeconômicos que detêm poder sobre eles. De acordo com Fairclough (1996), os jornalistas influenciam sua audiência, produzindo seus próprios discursos ou reformulando discursos preexistentes. Ele reconhece, no

entanto, que os jornalistas trabalham sob controle editorial, de modo que o verdadeiro controle sobre o discurso pode estar nas mãos de um editor ou, nebulosamente, nas mãos de uma entidade institucional sem rosto que é o próprio jornal. Os discursos produzidos e divulgados por essas entidades, moldados pela repetição de opiniões daqueles que falam de uma posição privilegiada na sociedade, teriam um efeito cumulativo, fazendo com que a análise descontextualizada de um texto isolado possa ser pouco significativa. Ao longo do tempo, contudo, a acumulação de uma determinada opinião recorrente nas citações selecionadas são *inculcadas*² no público — ou seja, gravadas em suas mentes e espíritos.

As diversas minorias, naturalmente, têm pouco acesso à imprensa, e quando têm, passam pelo crivo de todos os agentes responsáveis pelo processo editorial: o repórter, o editor e todos aqueles que representam “O Jornal” sem face. Van Dijk (1991) propõe algumas questões que ajudam a elucidar o papel que essas minorias assumem na cobertura jornalística: “Quem está falando [nos artigos de jornais], quão frequentemente e quão proeminentemente, e sobre o que se permite que os agentes noticiosos citados deem suas opiniões?”³ (VAN DIJK, 1991, p. 151).

Essas são questões que, segundo o autor, podem revelar o grau de acesso que as minorias têm à imprensa de modo geral e, conseqüentemente, de que maneira elas são citadas em artigos noticiosos, se é que o são. Para Downing (1980 apud BAKER, 2006, p. 74), “aqueles que são citados tendem a ser escolhidos porque representam os pontos de vista da maioria, ou porque são extremistas, citados para facilitar o contra-ataque.” Resta, assim, pouco espaço para que as minorias falem sobre si mesmas.

3. Antecedentes: *Investigating discourses of refugees*

Baker (2006), em sua pesquisa voltada à investigação dos discursos sobre refugiados no jornalismo britânico, usou um arquivo online de reportagens chamado *Newsbank* (<http://infoweb.newsbank.com>), que reúne artigos publicados em jornais como o *Daily Mail*, o *Daily Mirror*, o *The Guardian* e outros. O autor considerou apenas artigos publicados em 2003 que continham a palavra *refugee* (e/ou o seu plural: *refugees*). O *corpus* derivado desse refinamento foi constituído de 76205 palavras, sendo 140 das palavras *refugee* (53 ocorrências) ou *refugees* (87 ocorrências).

A linguística de *corpus* é, como definem McEnery e Wilson (1996 apud BAKER, 2006, p. 1), “o estudo da língua baseado em exemplos do uso da língua na vida real”⁴. É um ramo de estudos que se diferencia das abordagens estritamente qualitativas, uma vez que faz uso de *corpora* — “grandes massas de dados linguísticos ocorridos naturalmente e armazenados em

2 Fairclough (1996) chama de *inculcation* (inculcação) o mecanismo utilizado por aqueles que detêm o poder para manter esse poder por meio do discurso — o “poder por detrás do discurso” (“*power behind discourse*”) —, o que evoca um senso de naturalidade ou universalidade na divisão de classes.

3 No original: “Who is speaking, how often and how prominently, and about what are quoted news actors allowed to give their opinions?” (VAN DIJK, 1991, p. 151).

4 No original: “study of language based on examples of real life language use” (McENERY; WILSON, 1996 apud BAKER, 2006, p. 1).

computadores”⁵ (BAKER, 2006, p. 1). Ou seja, conjuntos de textos autênticos, previamente colhidos de acordo com critérios específicos para posterior análise por meio de processos computacionais de manipulação de dados, como foi o caso da pesquisa de Baker (2006). Esses processos podem ser usados “de modo a descobrir padrões linguísticos que nos permitam tirar um sentido da forma com que a língua é usada na construção de discursos (ou formas de construir a realidade)”⁶ (BAKER, 2006, p. 1).

Partindo dessa metodologia, considerando-se a linguística de *corpus* como ferramenta para a análise do discurso, há um menor viés cognitivo — ao menos nos primeiros momentos da análise —, porque o pesquisador não tem total controle sobre a escolha do objeto de sua análise, uma vez que padrões e tendências emergem probabilisticamente, destacando algumas evidências do discurso dominante. Esta é uma abordagem linguística do discurso, com base estatística. A perspectiva é bastante empírica, analisando a *probabilidade* em vez da *possibilidade* — um contraponto à tradição de Chomsky, ou seja, não se busca saber como as palavras *podem ser* usadas, mas como elas *são/foram* usadas de fato nos textos selecionados. Esse passo quantitativo é o primeiro, mas, posteriormente, é o olhar do pesquisador que essencialmente direciona a análise qualitativa.

O resultado da análise de Baker (2006) evidencia algumas práticas discursivas: as palavras *refugee* e *refugees* estão normalmente associadas a quantificadores, sejam eles números absolutos ou termos que se refiram a quantidades, como “*more and more*”, “*swelling the number of*”, “*a mob*”, “*up to 100*”, “*roads heave with refugees*” ou “*packed with refugees*”, geralmente descrevendo grandes quantidades com certa preocupação implícita. Há um padrão nos textos considerados no *corpus* para se referir a esses grupos de refugiados em termos de movimento, ocorrendo junto a expressões como “*fleeing*”, “*have fled*”, “*return*”, “*in transit*”, “*delivered*”, “*transported*”, “*smuggled*” ou “*streaming home*”, por exemplo.

Essa última expressão, *streaming home*, chama a atenção para um outro padrão recorrente: o uso de metáforas associadas a água para se referir às massas de refugiados, como em “*flood of refugees*” ou “*overflowing refugee camps*”. Os refugiados são tratados como uma força desumanizada, sem rosto, como uma enchente ou outra catástrofe natural que deve ser evitada pelos potenciais danos que pode causar.

4. Pesquisa baseada em *corpus*: retomada do tema em 2016

Para este estudo em particular, que pretende replicar, atualizar e recontextualizar o estudo de Baker (2006), foi montado um *corpus* de textos do jornal *The New York Times*, em inglês, em dois períodos: 1) dos dias 1 a 15 de setembro de 2015 e 2) dos dias 23 de março a 5 de abril de 2015, compreendendo todos os textos relacionados à crise de migrantes/refugiados

5 No original: “large bodies of naturally occurring language data stored on computers” (BAKER, 2006, p. 1).

6 No original: “in order to uncover linguistic patterns which can enable us to make sense of the ways that language is used in the construction of discourses (or ways of constructing reality)” (BAKER, 2006, p. 1).

nos dados períodos, conforme veiculações desse veículo de comunicação específico.

Optou-se neste estudo por um jornal estadunidense em vez de um europeu por dois motivos. Entende-se, primeiramente, que a Europa não pode mais ser considerada como o único cenário de pesquisa quando se discorre sobre imigração. Ainda que o estopim da crise de 2015 tenha sido o extravasamento da capacidade de absorção das sociedades europeias no que diz respeito aos imigrantes do Oriente Médio, esse já não é mais um problema exclusivo do continente europeu, uma vez que não se trata apenas de um choque físico entre grupos distintos, mas da *representação* desses grupos. E, numa sociedade globalizada, a representação é mais rápida do que a mobilidade humana: a percepção que se tem do estrangeiro pode preceder a chegada do próprio estrangeiro, de modo que os eventos ocorridos na Europa são interpretados pelos *gatekeepers* (aqueles que detêm algum tipo de controle sobre o avanço ou não de uma informação num processo de publicação) e leitores em outros pontos do Ocidente — mais particularmente, no continente americano. Inclusive, este mesmo estudo pode ser replicado em outros locais do mundo, partindo-se da hipótese de que resultados semelhantes seriam obtidos. Em segundo lugar, o jornal *The New York Times* foi escolhido tanto por sua relevância para o típico leitor cosmopolita do mundo ocidental — sendo ainda hoje tido como o principal jornal de referência internacional —, quanto pela notória tensão imigratória latente nos Estados Unidos da América, que teria inclusive um novo e (até certo ponto) imprevisível estopim, após a eleição de Donald Trump como o 45º presidente daquele país, o que fez com que as políticas de imigração se tornassem mais restritivas, desencadeando opiniões conflitantes.

O primeiro grupo de textos a integrar o *corpus* (1 a 15/09) faz referência à quinzena em que o corpo do garoto sírio Aylan Kurdi foi encontrado na praia na Turquia, pressupondo que, dada a carga emocional da imagem, a opinião pública estaria tendenciosa a assumir uma posição positiva em relação aos refugiados. O segundo grupo de textos (23/03 a 05/04), por sua vez, faz referência à quinzena em que houve os ataques terroristas em Bruxelas, pressupondo que, mais uma vez devido à alta carga emocional, as opiniões em relação a refugiados islâmicos poderia ser negativa, como uma espécie de reação defensiva do Ocidente em relação aos ataques. Essa amostragem mista teve como intuito conferir diversidade de opiniões aos textos compreendidos no *corpus*.

Os textos foram selecionados a partir dos títulos, com base numa simples análise temática. O *corpus* em questão é, dessa maneira, um *corpus* especializado (*specialized corpus*), tratando-se apenas de textos de um gênero específico (linguagem jornalística), de um veículo de comunicação específico (*The New York Times*), num período delimitado, a respeito de um determinado tópico.

Os textos que compõem um *corpus* podem ser selecionados de forma automática, de acordo com palavras-chave relacionadas (por meio de ferramentas automatizadas, como o BootCat) ou manualmente. Neste caso, foram escolhidos manualmente. Biber (1993 apud BAKER, 2006, p. 28) sugere que, para estudos gramaticais, *corpora* formados por um milhão de palavras cada seriam suficientes. Para estudos voltados à análise dos discursos, no entanto,

é possível conduzir pesquisas baseadas em *corpus* a partir de *corpora* substancialmente menores, dependendo dos objetivos. “Uma consideração em relação à formação de um *corpus* especializado a fim de investigar a construção discursiva de um determinado assunto é, talvez, nem tanto o tamanho do *corpus*, mas quão frequentemente nós esperaríamos encontrar nele o assunto mencionado”⁷ (BAKER, 2006, p. 28).

Selecionados os 29 textos ocorridos nos dois períodos (29.712 palavras), o primeiro passo foi carregá-los em formato eletrônico no software *AntConc*⁸, um programa *freeware* para manipulação de dados linguísticos desenvolvido pelo prof. Laurence Anthony, Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade de Birmingham, no Reino Unido.

No software, o primeiro passo foi identificar de forma sistemática as palavras-chave desse *corpus*, ou seja, as ocorrências mais frequentes do *corpus*, descartados artigos, pronomes e preposições. Para isso, foi usado um *corpus* de referência: um outro *corpus*, no mesmo idioma, de assuntos diversos, que serve como uma espécie de peneira. Esse *corpus*, de cerca de duas milhões de palavras, foi cedido pela prof.^a Dr.^a Stella E. O. Tagnin, da Universidade de São Paulo, para este estudo e compreende textos jornalísticos contemporâneos em inglês dos veículos *Washington Post*, *USA Today*, *TRAVEL*, *The Times*, *The New York Times*, *The Guardian*, *SPORTS*, *NEWS*, *MONEY*, *Los Angeles Times*, *LIFE* e *Financial Times*.

Dessa forma, o software comparou as informações dos dois *corpora*, cruzando as informações estatísticas em relação à ocorrência de palavras, mostrando assim as palavras que se destacam no *corpus 1*: em relação ao *corpus2* que funcionam como um grupo de controle, ou seja, destacando as palavras-chave de forma puramente estatística (sem a intervenção arbitrária do pesquisador). São essas as palavras mais importantes/relevantes do *corpus 1*. As dez primeiras palavras, em ordem de relevância, são: *migrants* (245 ocorrências), *refugees* (132), *asylum* (92), *Hungary* (64), *Germany* (94), *Syria* (65), *border* (76), *migrant* (50), *refugee* (63) e *syrian* (56).

A partir daí, as duas palavras mais relevantes, *migrants* e *refugees*, assim como seus respectivos singulares, foram jogadas, por meio do *AntConc*, em linhas de concordância, para verificar com quais outras palavras elas geralmente ocorrem no *corpus*. “Concordância é simplesmente uma lista de todas as ocorrências de um determinado termo de busca num *corpus*, apresentado dentro do contexto no qual elas ocorrem; geralmente algumas poucas palavras à esquerda e à direita do termo buscado”⁹ (BAKER, 2006, p. 71). As listas de concordância, segundo o autor, também são chamadas de KWIC, sigla para *keywords in context* (palavras-chave em contexto), e as análises delas derivadas configuram uma das análises mais qualitativas associadas à linguística de *corpus*, a partir da qual o pesquisador pode identificar padrões no uso da linguagem baseados em repetição.

7 No original: “One consideration when building a specialized *corpus* in order to investigate the discursive construction of a particular subject is perhaps not so much the size of the *corpus*, but how often we would expect to find the subject mentioned in it” (BAKER, 2006, p. 28).

8 www.laurenceanthony.net/software

9 No original: “A concordance is simply a list of all the occurrences of a particular search term in a *corpus*, presented within the context that they occur in; usually a few words to the left and the right of the search term” (BAKER, 2006, p. 71).

Em 16 das vezes em que a palavra *migrant* aparece no *corpus*, ela está associada à palavra *crisis*: *migrant crisis*, como em “*escalating migrant crisis*” ou “*mounting migrant crisis*”. Em cinco das ocasiões em que a palavra ocorre no singular, ela está associada ao uso figurativo da linguagem associada a metáforas líquidas: “*migrant tide*”, “*through the vast migrant stream*”, “*to restrict the migrant flow*”, “*under the pressure of the migrant flow*” e “*migrant influx*”. No caso de *refugee*, também no singular, além de *crisis*, há a associação frequente a colocados como *laws* (“*refugee laws*”) e *United Nations agency* (“*United Nations refugee agency*”). *Flow* e *flows* aparecem uma vez cada. De modo geral, as palavras *migrant* e *refugee*, quando apresentadas no singular, modificam os colocados mais próximos, dotando-lhes de uma qualidade, como no caso de leis migratórias ou da identificação de um departamento específico da Organização das Nações Unidas, e não são usadas, geralmente, como sujeitos das orações.

Já as formas plurais são consideravelmente mais frequentes (*migrants*, 245 ocorrências; *refugees*, 132 ocorrências, em comparação a *migrant*, 50 ocorrências; *refugee*, 63 ocorrências). Só esse fato isolado já denota uma certa comprovação dos dados percebidos por Baker (2006), em relação aos refugiados serem geralmente percebidos e representados como uma horda coletiva. Uma ocorrência digna de nota é o fato de recorrentemente essas palavras ocorrerem junto a numerais ou expressões que denotem grandes quantidades. Nas 132 ocorrências da palavra *refugees*, por exemplo, 30 vinham acompanhadas de numerais, sem contar as expressões como *several*, *more* ou as já mencionadas metáforas associadas a líquido, tratadas como uma catástrofe natural. Uma das ocorrências, que atipicamente fazia referência a um número pequeno de refugiados, incluiu a palavra *surprisingly*: *a surprisingly small number of refugees*, dando destaque à existência coletiva dos refugiados mesmo numa situação em que ela, por qualquer que seja o motivo, não se comprova.

Grosso modo, os refugiados são representados como uma massa não humana, líquida e que, portanto, não pode ser contida, como nos exemplos “*media showed migrants streaming away from the camp*” e “*thousands of migrants pouring out of*”. Quando a referência não é a um movimento líquido, ainda assim ocorre a denotação a uma massa coletiva, como em “*dozens of migrants clustered at its doors to get news*”. É interessante notar também como, em variadas ocasiões, os refugiados são tratados como objetos, e não como indivíduos humanos — uma certa “coisificação” do ser humano; assim, quando há uma ação relativa a eles, elas são empregadas por outras pessoas — os imigrantes são “administrados” ou “distribuídos”, por exemplo (“*to manage or slow the arrival of migrants*”; “*a proposal for the distribution of 160,000 migrants across the bloc*”).

5. Considerações Finais

É bastante triste que os achados de Baker (2006) em relação à representação dos imigrantes na mídia se comprovem e se repitam, especialmente quando se considera sua abrangência: do outro lado do Atlântico e, especialmente, mais de uma década depois. Essa verificação acende

um alerta aos agentes integrantes da mídia ocidental: por uma ação verbal, deliberada ou não, estamos desumanizando uma classe de indivíduos, restringindo sua existência a uma catástrofe que deve ser evitada.

É plausível pressupor que esses indivíduos ora representados, pela dureza das circunstâncias, estão e estarão entre nós, no Ocidente, nas décadas vindouras. Os refugiados dificilmente irão a algum outro lugar, porque é o fato de não terem aonde ir que os torna o que são. Suas presenças cada vez mais constantes em nossas sociedades manterão diferentes perspectivas culturais em rota de colisão, o que nos força, como indivíduos e como sociedades, a tomar uma posição — defensiva, combativa ou proativa (no sentido de compreendê-los e evitar/remediar conflitos).

Talvez seja pertinente nos questionarmos, como comunicólogos, qual será o efeito da representação dessas pessoas na mídia, em longo prazo, na forma como elas próprias compreendem sua identidade e na forma como elas decidirão interagir com as novas sociedades ocidentais nas quais estão se inserindo.

Referências

BAKER, Paul. **Using Corpora in Discourse Analysis**. London: Bloomsbury, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1996.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

PROFETA, Guilherme. O estrangeiro em tempos pós-modernos: Comunicação intercultural e identidade. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 38, p. 333-344, 2012.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

VAN DIJK, TeunAdrianus. **Racism and the Press**. London: Routledge, 1991.